

Inserção do intérprete de Língua de Sinais em tela: “Phantom” como proposta¹

Francimar Mangabeira Maciel de Britto²

Resumo: Atualmente a televisão e alguns medias mantêm uma janela com o profissional tradutor/intérprete de Libras. Este dispositivo é regido por normas da ABNT que definem o espaço e a localização da janela. Este artigo apresenta uma ideia de reformulação deste dispositivo com objetivo de melhorar a percepção da informação através do projeto denominado “Phantom”, idealizado pela autora e aplicado a um programa de televisão de cunho religioso. Para tanto, as percepções de Strobel (2008) e Canevacci (2001) dão subsídios para uma abordagem sobre língua de sinais, cultura surda e comunicação visual. O projeto foi trabalhado com sobreposição, apresentado a um grupo de Surdos, readaptado e levado ao ambiente virtual para verificação de sua aceitação pelo público a que se destina.

Palavras-chave: Imagem. Intérprete. Libras. Sobreposição. Surdos.

1 Introdução

O Decreto 5.296 (2004), o Decreto 5.626 (2005), a NBR 15.290 (2016) e a Lei 13.146 (2015) dão suporte para o desenvolvimento deste projeto. O primeiro Decreto regulamenta a Lei 10.098 (2000), para nossos objetivos, nos capítulos VI e VII³, trata de normas gerais para a promoção da acessibilidade, especialmente em seu artigo 18. O segundo regulamenta a Lei de Libras (10.436/2002). A NBR trata da acessibilidade em comunicação na televisão e especifica, em seu tópico 7, as diretrizes para a janela de Libras. E a lei de Libras, torna a Língua Brasileira de Sinais meio legal de comunicação e expressão, bem como outros recursos de expressão a ela associados.

A janela de Libras aparece como um recurso importante para o acompanhamento das informações veiculadas pelos meios de comunicação visual, como a televisão e a internet, e mesmo o rádio convencional, que pode ter sua extensão também em meio

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Imagens Midiáticas do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² Pedagoga e Intérprete Educacional (Uniso), professora interlocutora de Libras na rede estadual de ensino. Especialista em Libras, Educação Inclusiva, Atendimento Educacional Especializado, Tradução e Interpretação em Libras, Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa. Mestre em Comunicação e Cultura (Uniso), francimar.britto@prof.uniso.br.

³ Os capítulos referem-se respectivamente a: VI – Do acesso à informação e à Comunicação, e VII: Das ajudas técnicas.

virtual, possibilitando o acréscimo do quadro com o tradutor/intérprete de Libras, embora não necessariamente como espaço rigidamente delimitado.

Apesar do esforço de pessoas, profissionais e de instituições, em especial àquelas ligadas ao movimento social dos Surdos usuários de Libras, para que este dispositivo se tornasse uma realidade, podemos encontrar algumas questões limitadoras de seu potencial comunicativo.

Por isso, a tentativa de disponibilizar uma nova opção – o acesso às informações através da sobreposição de imagens. O que pode não parecer viável a primeira vista, está ancorado em pesquisas que tratam do campo visual dos surdos, como um estudo da Universidade de Sheffield, na Inglaterra (ESTUDO..., 2011).

Apesar da NBR 15.290 apontar em seu item 7.1.4, linha “c”, que “*no recorte não devem ser incluídas ou sobrepostas quaisquer outras imagens*” (itálico acrescentado), esta proposta descarta justamente a necessidade do recorte, ou seja, a utilização da janela do intérprete de Libras, pelo menos como conhecida neste momento e, ainda, considera a sobreposição de imagens como uma possível solução comunicativa neste caso.

Além disso, este trabalho privilegia o principal observador da janela de Libras e alvo deste projeto, o sujeito Surdo⁴, por isso, não foi observado e analisado por pessoas ouvintes⁵ até a apresentação deste artigo no XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura / III Encontro Internacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura.

Neste contexto, o *Phantom* propõem um investimento na perspectiva fisiológica visual do Surdo, considerando-o seu principal canal interativo e de comunicação com o mundo, pelo uso constante de sua língua⁶. Uma visão que, possivelmente, capte detalhes do ambiente a sua volta comparativamente de forma mais perspicaz do que ocorre com as pessoas que podem ouvir.

Estudos têm tratado das questões visuais das pessoas Surdas, em especial no campo da Educação onde tem sido mostrado a capacidade de aprendizagem deste grupo

⁴ Segundo James Woodward (1972): Surdo, assim identificado, com letra maiúscula, refere-se ao indivíduo não apenas desprovido de audição, mas que se alinha com a dita identidade e cultura surda e que é usuário de Língua de Sinais.

⁵ Este termo é utilizado para indicar o contrário de surdo. Como o termo “vidente” é o contrário de cego.

⁶ Muitas pessoas que têm surdez não utilizam língua de sinais como seu principal meio de comunicação. Este trabalho, entretanto, tem como meta os surdos expectadores da janela de libras, assim sendo, surdos que a utilizam em seu cotidiano e para assistirem à televisão e aos demais meios de comunicação.

de alunos em processos de comunicação que priorizam a visão, tentando através desta comunicação visual efetiva, um estímulo para apreender e rever seu desenvolvimento educativo.

A proposta do *Phantom* certamente necessitará de um período de adaptação visual, até que o cérebro consiga entender o que está acontecendo. Como quando os olhos precisam adaptar-se a escuridão para depois efetivamente enxergar ainda dentro desta condição de escuridão, ou quando estamos treinando nossos dedos nas teclas do computador, até que “sigam sozinhos” por elas sem necessidade de serem acompanhadas visualmente.

Pretende-se que este desconforto e/ou angústia trazidos por informações concomitantes chegando ao mesmo tempo e pelo mesmo canal de captação, com o tempo se transforme em conforto e ganho perceptual. Como nos lembra Sacks (1998), afinal, em sua experiência sobre a ignorância que permeia a surdez:

Fiquei pasmo com o que aprendi sobre a história das pessoas surdas e os extraordinários desafios (linguísticos) que elas enfrentam, e pasmo também ao tomar conhecimento de uma língua completamente visual, a língua de sinais, diferente em modo de minha própria língua, a falada. (SACKS, 1998, p. 9).

2 Tecnologia, Comunicação e Língua de Sinais

Data de 16 de novembro de 2006, Portaria nº 142, do Comitê de Ajudas Técnicas (CAT), estabelecido pelo Decreto nº 5.296/2004 da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, a instituição do termo Tecnologia Assistiva (TA e CA – Comunicação Alternativa), no Brasil.

Seu objetivo é proporcionar mais autonomia, qualidade de vida, inclusão, ampliar a comunicação, a mobilidade e adaptação ambiental, dando acesso para as pessoas com algum tipo de deficiência, facilitando o aprendizado, o acesso ao mercado de trabalho e a sociabilização destas pessoas. Conforme é possível observar no recorte abaixo:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de características interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relaciona à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua

autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.” (BRASIL/Comitê de ajudas Técnicas, ATA VII, 2007).

Em 2011, foi lançado o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite, por meio do Decreto 7.612, de 17 de novembro, com tópicos ligados ao acesso à educação, inclusão social, acessibilidade e atenção à saúde. Interessante, no entanto, notar que em nenhum dos assuntos abordados, mesmo quando o tema foi acessibilidade, tratou-se de questões de comunicação, no caso deste decreto.

Embora “comunicação” abarque todos os campos de vivência humana, seja qual for a área a qual estejamos nos referindo, o que se quer dizer é que o tema não está especificado claramente entre os assuntos apontados no material em questão.

Na página 60, podemos encontrar o seguinte texto, com referência ao Programa Nacional de Inovação em Tecnologia Assistiva:

O Programa Nacional de Inovação em Tecnologia Assistiva é implementado pelo MCTI e pela Finep e tem como objetivo apoiar o desenvolvimento de produtos, metodologias, estratégias, práticas e serviços inovadores que aumentem a autonomia, o bem-estar e a qualidade de vida de pessoas com deficiência. (BRASIL/Comitê de ajudas Técnicas, ATA VII, 2007).

Acreditamos estar colaborando com este Programa e fazendo um vínculo entre ele e o modo como uma pessoa com surdez profunda e usuária de LIBRAS percebe a língua oral. Isso pode apoiar também os motivos que levam a crer numa possibilidade real de mudança e adaptação do modelo de transmissão das informações hoje praticada no Brasil que vá além da janela de Libras.

Na língua de sinais os envolvidos na conversação “leem” muito mais que as mãos um do outro, os sinais em si. Captam suas expressões, faciais e corporais; as mensagens inseridas no ambiente, que podem contribuir com a mensagem; o contexto da “fala”; o sinal em si, os gestos e os classificadores⁷.

Isso é tão rico, que um único tópico, dos citados acima, pode abarcar grande número de “intenções”, como os classificadores, que tornam mais compreensível o significado na Libras. Como no caso dos classificadores descritivos, por exemplo, que

⁷ Classificadores em Libras são formas representadas por configurações de mãos que funcionam como marcadores de concordância.

podem “detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral, objetos inanimados e seres animados” (PIMENTA; QUADROS, 2006, p. 71).

Se sabemos que a linguagem interage com outras habilidades cognitivas, então para o Surdo, sua forma de comunicação é a ponte de interação com o mundo interior e exterior de uma maneira mais concreta do que para o ouvinte, uma vez que se constitui literalmente de forma física, mãos e corpo, e passível de ser captada pelo sentido da visão, distinto da língua oral, captada pela audição, embora possa ser complementada pela visão.

Em especial porque “talvez seja possível dizer que agora estamos numa transição na qual a cultura tradicional de massa está prestes a ser superada, ou melhor, sempre mais integrada à comunicação visual”, pode ser este um momento especial para uma língua também visual (CANEVACCI, 2001, p. 245).

Consideradas pela linguística como sistema linguístico legítimo, as diversas línguas de sinais não são consideradas uma forma de linguagem patológica, visto que já em 1960 (STOKOE, 1960)⁸ alcança status de língua, atendendo aos critérios analisados pela linguística para determinar a genuinidade de um idioma e com capacidade para gerar diversificadas sentenças.

Estas comprovam que a existência de uma língua é o aspecto cognitivo que garante o acesso ao pensamento lógico e à razão, uma vez que os usuários destas chegam a um desenvolvimento social satisfatório. Aqui os discursos acadêmicos e os discursos dos Surdos casam-se, trazendo para a luta relativa ao reconhecimento e respeito pela língua de sinais o alibi para outras tantas reivindicações que emancipam o Surdo, pela lógica e pela razão.

Neste sentido, e nesses tempos de acessibilidade, permanecer com algum impedimento que limite a compreensão das diversas informações transmitidas pela mídia aos Surdos, pode não somente ser considerado equivocado mas se revestir de uma atitude que mascare as possibilidades. Porém, gera uma oportunidade para perscrutá-las.

Importa então entendermos o que significa a presença deste “telespectador” Surdo diante de uma tela de tevê.

⁸ Neste ano, o linguista William Stokoe apresenta um estudo descritivo da língua de sinais norte-americana, enfocando a morfologia e a fonologia. Antes dele somente as línguas orais eram analisadas linguisticamente.

O direito de ser informado é a faculdade do indivíduo, incluindo o portador de deficiência auditiva, de ser mantido de forma correta e integralmente informado. Contudo, para ser o assunto entendido, faz-se necessário estabelecer um raciocínio lógico. Somente se pode investir uma pessoa do direito de receber informações, quando, ao mesmo tempo, se atribui a outrem o dever de informar. (AMARAL, 2002, p. 13).

A informação é o alimento dos meios de comunicação, em especial os de massa. Mas qual é este universo, para as pessoas que não podem ouvir perfeitamente o que é transmitido pelos meios?

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), define as diversas áreas de deficiência. Para a Deficiência Auditiva (DA), o texto apresenta como incapacidade auditiva (mesmo com o uso de aparelho auditivo) dividida em:

- Incapaz de ouvir (pessoa se declara totalmente surda);
- Grande dificuldade permanente de ouvir (pessoa declara ter grande dificuldade permanente de ouvir, ainda que usando aparelho auditivo) ou;
- Alguma dificuldade permanente de ouvir (pessoa declara ter alguma dificuldade permanente de ouvir, ainda que usando aparelho auditivo).

O mesmo Instituto indica, que “em todo o território nacional foram selecionados 6.192.332 domicílios, totalizando 20.635.472 pessoas, para responder ao questionário da amostra, o que significou uma fração amostral efetiva da ordem de 10,7% para o país como um todo” (IBGE, 2010).

Dos vários documentos acessados na leitura para realização desta pesquisa, chama atenção a quantidade de informação desconhecida com relação ao número de pessoas surdas no país, assim, os dados podem ser “ineficazes” em termos numéricos.

Pelo último censo, realizado em 2010, pelo IBGE, cerca de 9,7 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, ou seja, 5,1% da população. Destes, cerca de 2 milhões possuem deficiência auditiva severa. Cerca de 1 milhão dos deficientes auditivos são crianças e jovens até 19 anos e 6,7 milhões, estão concentrados nas áreas urbanas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que 28 milhões de brasileiros possuem algum tipo de perda auditiva, o que revela um quadro no qual 14,8% do total de 190 milhões de brasileiros, possuem questões ligadas à audição (CREVILARI, 2017).

Figura 1 – Quantitativo por área de deficiência



Fonte: IBGE, 2010.

Abaixo desta tabela, no documento do IBGE, encontramos o seguinte comentário: “São consideradas com deficiência severa as pessoas que declararam as opções de resposta “sim, grande dificuldade” ou “sim, não consegue de modo algum” para as deficiências visual, auditiva e motora ou declararam ter deficiência mental”.

No censo de 2010, não foi possível encontrar a porcentagem de deficientes auditivos/Surdos por estado e a exposição de tais dados por gráfico. Porém, há registro disso no censo de 2000, como segue:

Figura 2 – Percentual de surdos no Brasil



Fonte: IBGE, 2010.

Podendo ser pessoas bilíngues, os Surdos, mesmo que utilizem a língua portuguesa na modalidade escrita para sua comunicação com a sociedade, há geralmente grande dificuldade para o aprendizado e uso deste idioma.

Ele não compreendia o que eu oralizava, e, esgotados, nós dois desistíamos, esperando que mamãe voltasse. Então, ele lhe perguntou o que eu estava querendo dizer, e ela rui muito: É difícil! [...] e infância de um surdo é repleta de vulnerabilidades. Há ainda mais sensibilidade que para qualquer outra criança. [...] Lembro-me de uma questão que me intrigava: como fazem para se entender quando estão de costas virada? É “tífiti” para mim imaginar que uma comunicação seja possível sem que os rostos estejam face a face. (LABORIT, 1994, p. 39).

Assim, é entre os desafios de uma comunicação com pontos de vista clínicos e orgânicos, com telespectadores usuário de outro idioma no mesmo país, e que está baseada, primordialmente, no som, tramitando nos meios de comunicação de massa, que o projeto *Phantom* deverá ser estabelecido, ou não, como facilitador da comunicação.

3 A janela com o intérprete de Libras e a proposta *Phantom*

Além da janela de Libras os surdos não têm outra possibilidade para assistirem à televisão ou ao material disposto na internet através de sua língua materna⁹, de maneira generalizada, ou seja, em todos os programas que estão disponíveis ao público. Torna-se um destinatário fantasma, sem condições de negociar com a comunicação visual. “[...] o destinatário não é mais um recipiente passivo, ponto final do fluxo comunicativo, mas um sujeito ativo, um intérprete que negocia os significados. A comunicação é negociada. O poder da comunicação visual é plural” (CANEVACCI, 2001, p. 245).

Com uma pesquisa rápida, é possível encontrar diversos “modos” da janela com o intérprete de Libras na internet¹⁰ e o objetivo parece ter sido sempre melhorar seu campo de alcance, ora colocando o intérprete em primeiro plano, tornando-o maior no espaço

⁹ A pessoa Surda de que estamos tratando, com letra maiúscula, tem seu primeiro contato com uma língua estruturada em sinais. Por isso, sua L1, primeira língua é a língua de sinais de seu respectivo país ou região.

¹⁰ A norma está prevista para o espaço televisivo, não para o ambiente virtual. Porém, ela tem sido utilizada também neste espaço e ampliada, no que se refere a melhorias em sua estruturação com tentativa de obter melhor conforto para o entendimento do conteúdo da informação.

total da tela, ora dividindo a tela entre imagem de informação e imagem do intérprete. Todas, tentativas válidas.

Este projeto é mais uma tentativa, mas tem o diferencial de permitir acesso à informação e a “fala”¹¹ de forma concomitante, a captação da informação e da Libras, com intuito de recepção dupla pelo mesmo canal, o visual.

Dentre as tentativas de levar a notícia e a informação para perto do público Surdo os recursos virtuais têm tomado a frente da televisão. O exemplo mais conhecido no contexto brasileiro, é o programa “Primeira mão” lançado em 2016 na TV INES¹². Entretanto, a televisão esteve na frente e obteve êxito com o “Repórter Visual”. Primeiro telejornal na Língua Brasileira de Sinais, que iniciou com o nome de “Jornal Visual” em 1988¹³, pela TV Brasil. Na época com duração de 5 e hoje com duração de 15 minutos.

Figura 3 – Repórter Visual



Fonte: TV Brasil/RJ.

Figura 4 – Repórter Visual



Fonte: TV Ines/RJ.

¹¹ Leia-se “fala” aqui, como a voz transmitida em língua de sinais, ou seja, o idioma de forma visual.

¹² A TV do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no Rio de Janeiro/RJ, transmitida via internet.

¹³ Informações conseguidas em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/visual>. Acesso em: 13 jun. 2019.

Neles é possível observar a “dança das mãos”. Segundo Davis (1979, p. 83) é engraçado dizer que algumas pessoas não conseguem ficar sem mover as mãos, e que se ele o fizer, fica sem falar. “No entanto, fato é que muitos de nós nos sentiríamos incômodos se tivéssemos que renunciar à dança das mãos com a qual acompanhamos e ilustramos nossas palavras”.

Sacks (1998, p. 140) também nos conta sobre sua própria experiência ao ver surdos conversando Gallaudet University: “tive que ver a fascinante ciência social no bar dos estudantes, com mãos voando em todas as direções no decurso de uma centena de conversas distintas”.

Davis, citando as experiências de Birdwhistell sobre cinésica¹⁴, retira dele o seguinte:

Anos atrás comecei a me perguntar: Como o corpo encarna as palavras? Hoje em dia, em vez disso, eu me pergunto: quando convém usar as palavras? Elas são adequadas quando se ensina ou quando se fala ao telefone, mas agora você e eu estamos nos comunicando em vários níveis e só em um ou outro desses níveis a palavra adquire alguma relevância. Ultimamente tenho pensado de outro jeito: o homem é um ser multissensorial. De vez em quando, ele verbaliza. (BIRDWHISTELL *apud* DAVIS, 1979, p. 43).

Na condição de ouvintes, talvez tenhamos pouca percepção dos estudos da cinésica de Birdwhistell. Talvez porque nossos ouvidos estejam muito ocupados com distintas informações paralelas. Mas o que dizer da pessoa de “ouvido desocupado” destas tantas informações? Como se desenvolve sua percepção? Estudos ainda são escassos nesta área, mas já se levantam. Por isso pode ser difícil para um ser ouvinte entender a captação de informações visuais competidoras entre si.

Nos lugares onde tem sido possível, esta janela pode apresentar algumas barreiras para que a informação efetivamente chegue aos Surdos usuários da Libras. Dentre estas, podemos citar o tamanho da janela, disposta num espaço reduzido de tela. Agravando a situação por existirem telas pequenas como as dos tabletes de sete polegadas e as telas

¹⁴ Este antropólogo foi o primeiro a tentar compreender a linguagem do corpo – a comunicação não verbal, incluindo expressão facial, gestual, postura e movimentos corporais

dos aparelhos celulares de quatro polegadas. Todos estes, espaços físicos, digitais e virtuais onde há notícia e informação.

Considerando telas tão pequenas, como conseguir visualizar o intérprete num espaço que corresponde a um oitavo de tela? Pensando na mão e no rosto do profissional, como captar sinais e expressões faciais produzidos por ele se ambos são apresentados num espaço ainda menor do que o quadro da janela?

Dentro da história cultural dos surdos podemos perceber vários artefatos culturais do povo surdo, que podem ser a **experiência visual**, linguística, literatura surda, vida social, esportiva, artes, políticas e outros. [...] o conceito ‘artefatos’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo (STROBEL, 2008, p. 35, grifo nosso).

O surgimento da ideia de desenvolver este trabalho intitulado de *Phantom*, através de sobreposição de imagens informacionais, traz o desafio de tornar real a leitura da imagem propriamente dita, uma notícia, reportagem, propaganda, e uma outra, em Libras, concebida como uma segunda imagem informacional à de formato “oral”.

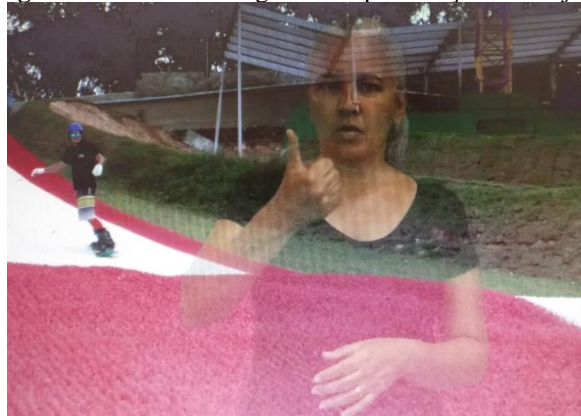
Este é um projeto diáfano, do grego, *dia*: através. No sentido de transparente, de translúcido; literalmente. Com a proposta de deixar a luz fluir através de algo compacto, neste caso, o corpo, sem que isso traga prejuízos na percepção das formas e dos objetos, “em cena”.

Em grego fantasma, *phantázein*: fazer aparecer, derivada da palavra *pháinein*: mostrar, ambas ligadas a *phos*: luz. E, estando a luz presente, existe a possibilidade de mostrar o que há para ser visto. Por isso a escolha da palavra *Phantom*, em inglês, uma vez que um fantasma é um “ser” transparente. Que se enxerga através dele.

Encontramos em Canevacci (2001, p. 14-15) uma inspiração para justificar esta visão, quando trata do “fazer-se ver”, da “observação observadora” e da necessidade de colocar-se em pró-posição. Não relativa exatamente à estética, à comunicação, ao ato passivo de ver, não no sentido de aparecer, mas nas percepções do olhar, além do sujeito-em-visão. Mas, em se transformar em olhar. Esta é a incorporação deste intérprete “fantasma” que é visto.

O modelo abaixo foi a primeira imagem produzida para verificação de uma possibilidade deste projeto e, embora não esteja em movimento, quanto foto, permite uma boa ideia da proposta aqui apresentada.

Figura 5 – Primeira imagem teste para edição do Projeto



Fonte: Arquivo da autora: colaboração de Christian Rafael de Souza Moraes – LabCom /Uniso.

Após este primeiro teste percebemos que o projeto poderia dar certo com poucas adaptações considerando prioritariamente que: 1) Deveria ser aprovado pela comunidade surda local, para que fosse avante e disponibilizado para outras comunidades (povo¹⁵) de Surdos pelo país; 2) Não seriam consideradas observações de pessoas ouvintes, no primeiro momento; 3) independente das primeiras impressões, observações e sugestões, ou mesmo da negativa das pessoas Surdas, passaria por cinco fases de análise: a) a apresentação de uma reportagem com o *Phantom* para um grupo composto apenas por surdos usuários de Libras; b) anotações das observações apresentadas pelo grupo; c) reformulação da apresentação-teste de acordo com as informações e correções apresentadas pelo grupo; d) retorno para apresentar as modificações realizadas no projeto; e e) disponibilização do projeto em ambiente virtual com a solicitação de comentários por parte de pessoas com surdez.

O trabalho junto ao grupo teve o objetivo maior de levar ao público um projeto quase acabado em termos de recursos tecnológicos. A disponibilização do material em

¹⁵ Alguns trabalhos apresentam esta expressão em substituição a mais conhecida neste momento (comunidade) tendo em vista as diversas esferas de defesas pelas quais lutam os Surdos. O que os faz estar ligados independentemente do lugar onde estejam. Termo defendido, por exemplo, por Strobel, 2008. (surda).

meio virtual teve a intenção de tornar público esta possibilidade comunicacional e receber sugestões e críticas somente por parte de pessoas com surdez.

Justificamos essa postura, em relação a não participação de pessoas ouvintes, também, pela experiência apresentada por Lane (1992, p. 48):

O paternalismo dos ouvintes começa com uma percepção deformada porque sobrepõe a sua imagem de um mundo conhecido dos ouvintes ao mundo conhecido dos surdos: igual modo, o paternalismo dos ouvintes encara a sua tarefa como de “devolver” os surdos à sociedade. E o paternalismo dos ouvintes não consegue entender a estrutura e os valores da sociedade surda.

É ainda importante ressaltar que pessoas não desprovidas da audição, pelo menos a início, podem não sentir conforto em acompanhar a “leitura” de duas imagens projetadas ao mesmo tempo. Porém, possivelmente estas pessoas nunca tenham pensado o que seja para uma pessoa Surda visualizar uma janela com informação e, ao mesmo tempo, ter que acompanhar as demais informações – as imagens da notícia sobre a qual se refere a interpretação em Libras presente na janela.

Embora este desconforto possa ser sentido, minimamente, quando uma pessoa que ouve assiste a um filme com legenda, para ouvintes que não dominam língua de sinais, seria difícil entender esta “divisão do olhar” para o surdo, uma vez que dispor a Libras em tela é mais do que possibilitar uma “leitura de mãos”, porque ela ainda contém diversas informações em seus parâmetros¹⁶ que efetivam a comunicação.

Por isso, a possibilidade de visualizar notícia e “som”¹⁷, a reportagem e a interpretação dela, de forma concomitante, pode ser uma solução mais viável do que fazê-lo de forma separada, e em tamanhos diferentes, mesmo que à primeira vista isso não pareça possível e efetivo ao mesmo tempo, para aqueles que não estão habituados a um cotidiano primordialmente visual.

Temos que entender como Sacks (1998, p. 140), quando confessa: “tive que ver tudo isso pessoalmente antes de poder ser demovido de minha anterior “visão média” da surdez [...] e adquirir uma visão “cultural” dos surdos”.

¹⁶ São parâmetros da Libras: Configuração de mãos, ponto de articulação, orientação ou direção, movimento, expressão facial e corporal. Todos, ou alguns deles formam o sinal e a mudança em um deles pode mudar o significado do sinal apresentado.

¹⁷ Tomamos empestado o termo do universo das pessoas que ouvem, para que fique mais fácil o entendimento do que estamos buscando expor.

Ana Regina Campello (2008), em sua tese de doutorado, intitulada “Aspectos da visualidade na educação de surdos”, afirma que:

[...] é importante dizer como a construção da consciência de mundo e a interpretação da realidade são proporcionadas pela percepção da imagem, uma vez que esta acaba constituindo não somente uma ilustração do percebido mas uma “linguagem” imagética. O uso da imagem e da “linguagem” imagética na literatura, poesia, filme, diálogo, tem significado pelos processos do “ver”, por meio dos olhares e do processamento visual sígnico, próprio dos sujeitos Surdos. (CAMPELLO, 2008, p. 102).

Apoiamos este raciocínio em autores conhecidos da comunidade surda, surdos e ouvintes, profissionais da área. Cada um por um prisma específico relativo às questões que envolvam a compreensão do surdo através da língua de sinais e o contexto em que vivem, sua cultura e comunicação.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 22).

Profissionais de campos do saber humano como saúde, educação e comunicação, têm despertado para o entendimento do que seja a Libras e a pessoa Surda. Em especial desta pessoa Surda que utiliza a língua de sinais para sua comunicação cotidiana e de seu universo informacional empobrecido em termos de oportunidades, se comparados àqueles que ouvem.

Quadros (1997, p. 26), por exemplo, nos desperta para uma realidade interessante, quando afirma que as comunidades de surdos “estão despertando e percebendo que foram muito prejudicados com as propostas de ensino desenvolvidas até então e estão percebendo a importância e o valor de sua língua”.

Expressões e lógicas, não supostas por profissionais nos mais diversos campos do saber, têm começado a fazer parte do vocabulário destes. Impossibilidades têm se tornado reais nos últimos anos para os Surdos, como as centrais de atendimento em Libras, por exemplo. Por isso reforçamos nossa proposta como as palavras de Strobel, complementando Quadros:

Quando pronunciamos “povo surdo”, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (STROBEL, 2008, p. 31).

A percepção dos Surdos quanto “povo” amplia nosso entendimento de que estão entre nós, apesar de sua condição (quase) invisível, dentro do conceito de que, falam a mesma língua, têm interesses semelhantes, história e tradições comuns.

Por isso, a esta altura, podemos questionar que motivos poderia levar um comunicador a pensar sobre a importância da Libras para os milhões de surdos do país. A interessante resposta pode ser encontrada em McCleary (2003, p. 2), quando fala sobre uma suposta conversa entre um surdo e um ouvinte, sobre ter o Surdo orgulho de usar sua língua e sobre a reação do ouvinte. Este diria: “os gestos são muito bonitos e expressivos”. E o Surdo: “Mas não é por isso que você tem orgulho! Você tem orgulho porque quando você usa a língua de sinais, você pode ser surdo e feliz ao mesmo tempo”.

Pouco tem sido escrito a respeito da pessoa Surda e como os profissionais do campo da comunicação tem se relacionado com esta parcela social. Diferente do campo educacional, onde se pode encontrar vasta literatura e o campo onde se concentra o maior número de pesquisas realizadas por Surdos, e muitas delas na defesa de políticas educacionais que divergem do ponto de vista dos gestores ouvintes.

Concepções sobre a surdez têm sido grandemente discutidas. A visão de parte daqueles que podem ouvir, e que não mantêm um convívio com Surdos, e estes adultos¹⁸, é apresentada por Skliar (2001), utilizando o já forjado termo “ouvintista”:

O ouvintismo – as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo... Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. (SKLIAR, 2001, p. 15).

¹⁸ Surdos adultos têm mais condições de apresentar aos ouvintes pontos relevantes sobre a experiência pelas quais passaram e que, possivelmente, serão enfrentadas por novas gerações de Surdos, servindo como exemplo de casos bem o mal sucedidos de educação e comunicação.

De uma certa forma, este artigo vai ao encontro dessas representações e, neste sentido, pretende apontar para uma questão - a possibilidade de uso de imagens dinâmicas e concomitantes. Embora elas tendam a incomodar aos que ouvem, sendo raramente usadas por longo tempo de visualização, é a proposta aqui, para os que não ouvem.

Esta visão de mundo diferenciada, entre Surdos e ouvintes com relação às imagens e suas percepções, embasa a perspectiva de que exista uma possibilidade de utilizar este tipo de tecnologia para benefício dos telespectadores e internautas Surdos, baseada em sua língua e identidade.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 42-43).

Para tal justificativa a observações de Laborit. Profissional Surda, referência para seus pares, que expõe sua trajetória de vida de maneira primorosa, permitindo o entendimento de “ser” Surdo, ao dizer que:

Somos uma minoria, os surdos profundos de nascença. Com uma cultura específica e uma língua específica. Os médicos, os investigadores, todos os que querem transformar-nos a qualquer preço em ouvintes, põem-me os cabelos em pé. Fazerem-nos ouvintes é aniquilar a nossa identidade. (LABORIT, 1994, p. 115).

Esta questão da identidade de grupo, ou de ter o grupo como identidade, é muito marcante para o prélio do povo Surdo, e a existência da janela de Libras também se configura como um marcador de presença. Neste sentido, a relevância do avanço da “voz” deste povo, reforçando um coro inaudível mas muito visível, o de estar aqui e marcar esta presença de forma primorosa.

4 Considerações finais

Enquanto este artigo era preparado, a gravação do material relativo a ele também o era. Por isso, foi apresentada apenas a foto inicial da ideia. Durante o evento do Epecom (2021), no entanto, o material concluído será apresentado.

Apesar de, neste momento, possivelmente não ser viável a utilização da proposta do *Phantom* em meio televisivo, a disponibilidade dele nas mídias sociais pode ser um salto para a compreensão de pessoas Surdas, também em relação ao que é transmitido pela televisão.

Como foi apresentado durante o desenvolvimento deste texto, é relevante a apresentação deste material para o público em geral, para os profissionais intérpretes de Libras e para os profissionais do campo da comunicação, com o aval dos internautas Surdos e com os devidos esclarecimentos sobre sua proposta.

Pelo contexto apresentado até aqui, e por se tratar de uma técnica simples, conhecida e dominada por profissionais do campo da comunicação, não vemos grandes barreiras em termos técnicos para que esta proposta se torne uma realidade.

Por outro lado, o projeto poderá encontrar barreiras. Quanto a esta questão, é esperado que os Surdos opinem e informem sobre a viabilidade, ou inviabilidade, do projeto, e farão isso com suas mãos. Por isso, um período de adaptação, e de aceitação, faz-se necessário para que se efetive e se utilize esta proposta e a importância deste projeto piloto. Então, a disponibilização dele em meio virtual deverá colaborar para esta análise, para a crítica e para sua melhoria.

É importante que este projeto seja uma opção viável e interessante, que torne possível a chegada da informação de forma efetiva, para que os Surdos possam ampliar sua visão de mundo e seu cabedal de informações, como nas palavras de Laborit (1994, p. 26) “Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta. É a sociedade que me torna excepcional”.

Referências

AMARAL, Sergio Tibiriça do. O direito de informação e as Pessoas Portadoras de Deficiência Auditivas. **Intertemas**, Presidente Prudente, ano 6, v. 7, p. 9-32, nov. 2002.

BRASIL. **Ata VII Reunião do Comitê de Ajudas Técnicas** – CAT CORDE / SEDH / PR Realizada nos dias 13 e 14 de dezembro de 2007. Disponível em: https://www.assistiva.com.br/Ata_VII_Reuni%C3%A3o_do_Comite_de_Ajudas_T%C3%A9cnicas.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. **Decreto 5.296 02 de dezembro de 2004**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRASIL. **Decreto 7.612 17 de novembro de 2011**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRASIL. **Lei 10.436 24 de abril de 2002**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 05 jun. 2019.

BRASIL. **Lei 13.146 de 06 de julho de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. **NBR 15.290 19 de dezembro de 2016**. Disponível em: <http://www.abnt.org.br/normalizacao/lista-de-publicacoes/abnt/category/162-dezembro>. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. **Portaria 142 de 16 de novembro de 2006**. Comitê de Ajudas Técnicas. Disponível em: <http://www.tst.jus.br/web/nai/tecnologias-assistivas>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91182/258871.pdf?...1>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CANEVACCI, Máximo. **Antropologia da Comunicação Visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CREVILARI, Vinicius. Quase 30 milhões de brasileiros sofrem de surdez. **Jornal da USP**, São Paulo, 19 set. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/quase-30-milhoes-de-brasileiros-sofrem-de-surdez/>.

DAVIS, Flora. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

ESTUDO explica por que surdos têm maior visão periférica. **Veja**, 03 jun. 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/estudo-explica-por-que-surdos-tem-maior-visao-periferica/>.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Ministério do Planejamento, Ministério e Gestão. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 04 jun. 2019.

LABORIT, Emmanuelle. **O Voo da gaiivota**. São Paulo: Best Seller, 1994.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

MCCLEARY, Leland Emerson. O orgulho de ser surdo. *In*: ENCONTRO PAULISTA ENTRE INTÉRPRETES E SURDOS, 1., 2003, São Paulo, SP. **Anais [...]**. São Paulo: Faculdade Sant'Anna, 2003. Disponível em:
<https://wp.ufpel.edu.br/areadelibras/files/2012/04/OrgulhoSurdo.pdf>.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos Surdos. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2001.

STOKOE, William. **Sign language structure**. Mayryland: Linstok Press, 1960.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TV INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Disponível em:
<http://tvines.org.br/?p=15569>. Acesso em: 13 jul. 2020.

WOODWARD, James. Implications for Sociolinguistic Research Among the Deaf. **Sign Language Studies**, n. 1, p. 1-7, 1972.